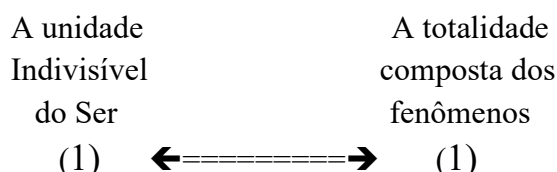


A PARTE E O TODO – notas iniciais

A questão da parte e do todo, - das diferenças, semelhanças e relações contidas entre parte e o todo -, constituem um dos problemas mais antigos inscritos nos anais da Filosofia. Os gregos clássicos inauguraram a questão e Platão externa a sua perplexidade diante da unidade indivisível do ser e da também unitária compleição da totalidade dos fenômenos, reconhecidamente composta de partes. No *Fedon* focaliza e discute o assunto sem lograr conclusão. Intui, porém, um modo interessante de contemplar o problema ao indicar que estão presentes dois “uns” que apesar de serem formalmente iguais (1), contemplam instigante diferença.



Platão, ao que tudo indica, não percebeu tudo o que estava em jogo, virtualmente porque os gregos não se colocavam a questão da criação, uma vez que entendiam o Universo como sendo eterno. Nós, modernos, que aprendemos as lições da Astrofísica, sabemos, porém, que este universo como as estrelas, um dia surgiram e um dia desaparecerão, de sorte que para nós, entre o um da indivisível simplicidade e o um da extrema complexidade, situa-se todo o universo realizado, ou melhor, desdobra-se todo o universo. Daí a importância da questão: o devido esclarecimento das diferenças que permeiam parte e todo equivale a desvendar boa parte dos mistérios que emolduram nossa inserção e desafiam nossa compreensão do mundo.

Conjugando o saber científico e o saber metafísico, hoje disponíveis, fica facultado um panorama bastante consistente sobre o desdobramento do universo, entre a menor singularidade quântica detectada e a totalidade universal constituída e que, ao que tudo indica, continua a expandir-se. A Metafísica, denunciando como absurda a inexistência ou o nada absoluto e defendendo a existência do ser como necessária, alicerça o universo em um principio transcendental e justifica assim o advento das energias caóticas inaugurais do universo. A ciência, movida por interesses práticos, já parte do Big Bang, explica a formação das gigantescas fornalhas cósmicas onde os átomos pesados são produzidos e explica o processo segundo o qual essas “impurezas” são expelidas das estrelas e se aglutinam orbitantes na forma de planetas. Uma vez criado o mundo mineral, a ciência explica como hidrogênio e oxigênio se combinam para formar água, oceanos, aminoácidos e finalmente a vida unicelular. Instalada a vida e precisando ela de energia para preservar-se, é a ciência ainda que logra revelar também as duas estratégias adotadas para alcançar êxito na preservação: desenvolver capacidade de processar diretamente a energia provida pelo sol ou investir em

mobilidade para obtê-la de segunda mão, ficando assim configuradas as duas alternativas - vegetal e animal - adotadas pela vida como vias de melhor capacitação para sobreviver.

Esse processo desenha nitidamente uma senda de crescente complexidade que vai de energias quânticas a partículas atômicas, de átomos a moléculas, células, organismos (...) Em cada etapa desse processo de crescente complexidade, a presença de posições de estabilidade e repouso, posições que desde a Grécia Clássica recebe o nome de *forma*. Obviamente não forma no sentido ordinário de aparência conferida pelo contorno dos objetos, mas *forma* no sentido grego de *inteligência organizativa* ou de *organização inteligente*, que tipifica e caracteriza, partícula, átomo, molécula, organismo (...) e lhes confere propriedades singulares e privativas: estamos aqui constatando pacífico acordo entre a ciência moderna e as *ideias eternas* de Platão.

Assim como no mundo inanimado, nos átomos de hidrogênio e oxigênio, por exemplo, essas inteligências organizativas são codificadas em valências elétricas que virtualmente determinam compulsoriamente sua combinação na proporção de 2 por 1 na contingente formação da molécula de água, assim também nos organismos vivos essa inteligência organizativa, impressa fisicamente nos organismos, determina os comportamentos instintivos por vezes extremamente complexos cumpridos por insetos e seres vivos de todas as espécies, tanto na busca da energia vital como nos processos de acasalamento e reprodução, para citar os aspectos mais estudados.

A ciência nos mostra ainda que o reino animal poderia, virtualmente, ter estagnado no plano dos registros físicos e orgânicos da inteligência organizativa, que caracteriza o comportamento animal instintivo, dado que este possui a vantagem de ser de grande precisão. Quer nos parecer, entretanto, que pelo menos duas variáveis conspiraram contra. De um lado, o próprio registro físico que torna a ação compulsória, confere certa flexibilidade, claramente manifesta no caso da aranha que precisa tecer sua teia, mas precisa ajustá-la às condições físicas objetivas de cada habitat. De outro lado, a disputa de espaços de sobrevivência entre as espécies, cada qual constituindo depósito de energia virtualmente expropriável e cada qual imbuída de justo desejo de sobreviver, requerendo flexibilidade, opções e alternativas de ação capazes de diminuir a sua previsibilidade comportamental e assim ampliar as suas chances de sobrevivência.

A espécie humana logra superar as determinações compulsórias dos instintos. Como? Desenvolvendo justamente um organismo especializado em processar e operar a *inteligência organizativa*, a *forma* que define as propriedades e determina os comportamentos nos reinos animal e vegetal. Com o sistema nervoso central e com o

despertar da consciência abre-se um espaço racional, viabiliza-se o entendimento e a compreensão e o homem adquire capacidade para criar nova camada de inteligência organizativa que, sobrepondo-se ao registro físico instintivo inescapável - ao menos no que diz respeito às ações relacionais -, potencializa alternativas de ação. Com isso, caso o indivíduo consiga desenvolver a razão e seja capaz de criar alternativas de ação equivalentes ou melhores que as instintivas, conquista liberdade de escolha e pode adotar em cada caso ou em cada situação, a opção mais conveniente.

Esse percurso do universo e da vida até o despertar da consciência segue, em linhas gerais, o arrazoado de Bergson em seu *a evolução criativa* (BERGSON, 1908) e evidencia que a razão humana é parte, da parte, da parte da parte. Isso é, apenas uma entre as infinitas partes que compõe o universo. Sendo assim, em que se funda a pretensão humana de pensar a totalidade e compreender o universo? Bergson mesmo coloca essa questão no início do seu livro nos seguintes termos: *Criado pela vida, em determinadas circunstâncias, para agir sobre determinadas coisas, como o pensamento apreenderia a vida, do qual não é senão uma emanção e um aspecto? (...) Da mesma forma se pretenderia que a parte iguale o todo, (...)* Bergson reconhece a justeza das ideias arquetípicas de Platão e chega a exemplificar o fato com a forma do círculo, – que é atemporal dado que nunca em algum momento da história do universo se tornou possível traçar um círculo - mas entende que a forma da molécula de água, a inteligência organizativa que caracteriza a água, apenas surgiu de fato quando a primeira molécula efetivamente se formou, e ao fazê-lo é que surgiram no universo as possibilidades que a água contém e que se manifestaram de forma generosa em nosso planeta. Com isso dispensa tanto um plano platônico de ideias puras pré-existentes como também a presença de um arquiteto projetista das formas conhecidas, podendo assim concluir que a própria evolução manifesta-se criativa e que as formas vão surgindo com a evolução cósmica.

A luz desse panorama que caracteriza a vida e o universo como processos evolutivos gerais, cumpre destacar que a parte a que se refere o título, é, em parte, a unidade indivisível do ser, a extrema simplicidade, ponto de partida da evolução cósmica objetiva, mas é também essa particularidade do universo que designamos de consciência, dado ser essa consciência que virtualmente pode pensar e entender o universo. Assim, embora o universo contenha infinitas partes, cada qual detentora de uma *forma* privativa, aqui neste artigo, basta considerar que o título remete apenas a essas duas. E quanto ao outro termo, quanto a totalidade? Certamente a totalidade universal está contemplada, mas, estaria em questão também alguma outra totalidade?

Observe-se que a inteligência organizativa manifesta-se presente desde o começo do universo e não surge apenas em presença da vida. Como evidenciam os

átomos e as moléculas inorgânicas, a forma também está presente no mundo não animado. Portanto, a *forma* está presente já no primeiro fenômeno quântico que se estabilizou no plano da existência relativa e inaugurou o mundo relativo e está também presente em todas as etapas de complexidade crescente que se sucederam até que o universo desenvolvesse e adquirisse a compleição atual. Há sim diferença entre a *forma* do átomo de hidrogênio, a *forma* da molécula de água e a *forma* da consciência humana ou do universo, não só em complexidade, mas também em organização e potencialidades, para citar as mais evidentes. Ainda assim, em todas as instâncias, os momentos de estabilidade continuam sendo *formas organizativas inteligentes* e isso indica que há algo comum a todas elas, em particular pelo fato de que todas elas possuem potencial de servir de base para uma forma ainda mais complexa e todas elas comungarem da condição de existir objetivamente em um mesmo universo.

Ora, isso exige uma *forma básica originária* em cuja estrutura estejam contidas as potencialidades capazes de gerar as formas mais complexas cuja existência a ciência já comprovou serem constitutivas da complexidade universal. Essa *forma básica e originária* pode ser identificada por um processo de redução ontológica que elimine as características que apenas surgem a medida que o processo evolutivo vai gerando complexidade crescente, dado que estamos considerando que se trata de um universo evolutivo movido por um processo criativo.

Complexidade crescente exige, por exemplo, quantidades crescentes de elementos de sorte que arranjos crescentemente complexos sejam viáveis. Em uma redução do aspecto quantitativo podemos inferir que essa forma básica deve ensejar uma senda de quantidades crescentes, deve possuir como ponto de partida uma unidade irreduzível e não pode deixar de contemplar o aspecto quantitativo.

Complexidade crescente exige, também, amplitude existencial capaz de comportar a manifestação de fenômenos dotados de amplitudes correspondentes. Sendo a forma delimitante e conseqüentemente determinante de amplitude, a forma básica também precisa contemplar a forma delimitante mais geral conhecida, isto é, a forma dimensional.

Complexidade crescente implica, também, determinação crescente, o que em um universo metafisicamente concebido, implica restrições crescentes à absoluta indeterminação e à liberdade absoluta da origem necessária. Exigindo, a condição absoluta, adimensionalidade e conseqüentemente, imobilidade total, compreende-se que o relativo gerado implica movimento, fato que alias a ciência também já constatou ao compreender que o mundo relativo não comporta nenhuma efetiva imobilidade. Nesse sentido a própria existência relativa se caracteriza pelo movimento e a forma básica originária precisa também contemplar os padrões de movimento que definem os modos de existir presentes no universo.

Temos então três requisitos básicos inescapáveis: *forma delimitante, padrão de movimento e caráter quantitativo*. Ora, esses são justamente os objetos das três ciências humanas fundamentais; a Geometria, a Lógica e a Matemática. A Geometria como ciência da forma pura, a Lógica como ciência do movimento puro e a Matemática como ciência da pura quantidade. Uma conclusão que já fazia parte da intuição da espécie quando o homem acalentou a esperança da Geometria fornecer a estrutura básica que alicerça o universo, quando cientistas afirmaram que Deus criou o mundo com a linguagem da Matemática e quando todos reconhecem que a Lógica fundamenta tanto a Geometria como a Matemática.

Ora essa é justamente a estrutura constitutiva do *Logos Normativo* que se propõe a mais de dez anos como *modelo do campo existencial* comum a todos os fenômenos presentes ou que podem manifestar-se no universo. (RODRIGUES, 1999) Esse Logos Normativo define a estrutura existencial dos fenômenos e normatiza como a existência pode dar-se neste universo. Esse modelo, que não vamos discutir aqui, e que pode ser encontrado tanto no projeto em desenvolvimento no *site* das Segundas Filosóficas, quanto em (RODRIGUES, 2011), nos ensina que todo fenômeno comporta cinco instâncias existenciais distintas. Essas instâncias compreendem as primeiras quatro dimensões e se completam com uma instância complementar correspondente a totalidade fenomênica, dado que cada fenômeno constitui uma unidade que se destaca e se diferencia dos demais fenômenos com quem compartilha a existência universal. Esse modelo nos assevera que o fenômeno emergente apenas se estabiliza no plano da existência relativa quando atinge essa instância de totalidade dado que se trata de um modelo irreduzível. As quatro primeiras dimensões comportam somente as partes do fenômeno, e apenas a instância de totalidade, que segundo o modelo transcende a mera soma das partes, é que efetivamente confere existência e garante assento ao fenômeno no seio do mundo.

Quando olhamos as formas puras de Platão e a inteligência organizativa de Bergson a luz desse Logos Normativo, damos-nos conta que forma, inteligência organizativa e instância de totalidade do Logos, são exata e rigorosamente a mesma coisa e fica claro que não existe *parte isolada* manifesta no mundo: este universo apenas admite a presença de totalidades e todos os fenômenos do universo obedecem ao mesmo plano existencial, possuem a mesma estrutura existencial. Diante disso não há como deixar de concluir que a consciência humana está capacitada para pensar e entender a totalidade do universo, tanto porque ela é também uma totalidade quanto porque foi criada pela natureza justamente para pensar a inteligência organizativa com a qual as totalidades são feitas. A complexidade universal não se constrói juntando partes, mas articulando totalidades.

Brasília, Jun/2012

RRodrigues

Resumo

Procura-se, neste artigo, defender a tese de que a complexidade universal crescente detectada, não se construiu juntando partes, mas articulando totalidades. Para tanto, impõe-se reparar alguns equívocos conceituais aos quais se incorre quando apenas se considera confiável o modo científico e analítico de pensar - amparados na convicção de ser esse o procedimento inferencial que, atendo-se aos ditames da lógica clássica, possui escopo para fornecer certezas.

Apesar de sua inegável eficiência, denunciam-se limites da ciência analítica moderna, não por se analítica, mas por induzir a crença de que analisando detalhadamente as partes, logra-se compreender o todo, quando, na verdade, o todo transcende a soma das partes. Denunciam-se também os limites da ciência analítica porque ao decompor as totalidades em partes, sugere que existam no mundo criado, partes autônomas e independentes que possam ser reunidas para construir totalidades, quando na verdade inexistem no universo um fenômeno de segunda categoria chamado parte: o mundo relativo somente admite a existência de totalidades. Denunciam-se, finalmente, limites do modo analítico de fazer ciência, porque induz a pensar que complexidade crescente e totalidades são obtidas reunindo e justapondo partes, quando na verdade a complexidade crescente somente pode ser obtida pela inteligente articulação de totalidades bem constituídas.

Considera-se este artigo relevante não pelo que textualmente afirma, mas pelas inferências que pode despertar no leitor atento.